



Cadernos NAUI

Núcleo de Dinâmicas Urbanas e Patrimônio Cultural

Dossiê Modos de feitura da cidade: dimensões sensíveis da vida urbana contemporânea

v 15 | n 28 | jan-jun 2026

Reflexões sobre urbanidade e acolhimento: apropriação de espaços públicos por imigrantes em Erechim/RS

Felipe Baldissera Walter; Nauíra Zanardo Zanin



Edição eletrônica

URL: <https://ojs.sites.ufsc.br/index.php/nau>

ISSN: 2558 - 2448

Organização

Núcleo de Dinâmicas Urbanas e Patrimônio Cultural

Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFSC

Referência Bibliográfica

WALTER, Felipe Baldissera; ZANIN, Nauíra Zanardo. Reflexões sobre urbanidade e acolhimento: apropriação de espaços públicos por imigrantes em Erechim/RS. Cadernos Naui: Núcleo de Dinâmicas Urbanas e Patrimônio Cultural, Florianópolis, v. 15, n. 28, jan-jun 2026, e8855. Semestral.

© NAUI

Reflexões sobre urbanidade e acolhimento: apropriação de espaços públicos por imigrantes em Erechim/RS

Felipe Baldissera Walter¹
Nauíra Zanardo Zanin²

Resumo

O presente artigo pretende compreender como se dá a relação entre os imigrantes de origem haitiana, venezuelana e senegalesa com os espaços públicos da cidade de Erechim/RS, levando em conta fatores como sua chegada ao novo país e mais especificamente ao município, além da relação entre trabalho e apropriação dos espaços urbanos. Busca-se ainda refletir se há espaços que favoreçam o sentimento de pertencimento, promovam o acolhimento e permitam as expressões socioculturais desses grupos, contribuindo para uma cidade mais inclusiva, diversa e sensível às dinâmicas migratórias contemporâneas. Como métodos e técnicas de pesquisa buscamos desenvolver ações qualitativas e interdisciplinares, por meio de análise bibliográfica, legislativa e documental, levantamento de dados, observações em campo e buscas sobre o assunto em mídias locais. Como resultados, percebemos que, embora existam políticas de apoio aos imigrantes, a principal relação estabelecida com os espaços urbanos fica limitada às interações decorrentes do trabalho, enquanto as interações sociais nos espaços públicos e as apropriações espaciais estabelecidas favorecem o encontro com parentes e amigos.

Palavras-chave: urbanismo; espaços públicos; imigrantes; acolhimento.

Reflexiones sobre urbanidad y acogida: apropiación de espacios públicos por parte de inmigrantes en Erechim/RS

Resumen

El presente artículo pretende comprender cómo se da la relación entre los inmigrantes de origen haitiano, venezolano y senegalés con los espacios públicos de la ciudad de Erechim/RS, teniendo en cuenta factores como su llegada al nuevo país y, más específicamente, al municipio, además de la

¹ Discente do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), Campus Erechim/RS. E-mail: felipewalter17@gmail.com.

² Arquiteta e urbanista, mestra em Engenharia Civil na Linha de Edificações e Comunidades Sustentáveis, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), com doutorado e estágio pós-doutoral pelo Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Santa Catarina (PósARQ/UFSC). Professora associada do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), Campus Erechim/RS. E-mail: nauira@uffs.edu.br.

relación entre el trabajo y la apropiación de los espacios urbanos. También se busca reflexionar si existen espacios que favorezcan el sentimiento de pertenencia, promuevan la acogida y permitan las expresiones socioculturales de estos grupos, contribuyendo a una ciudad más inclusiva, diversa y sensible a las dinámicas migratorias contemporáneas. Como métodos y técnicas de investigación, buscamos desarrollar acciones cualitativas e interdisciplinarias, mediante análisis bibliográfico, legislativo y documental, recopilación de datos, observaciones de campo y búsquedas sobre el tema en los medios locales. Como resultados, observamos que, aunque existen políticas de apoyo a los inmigrantes, la principal relación establecida con los espacios urbanos se limita a las interacciones derivadas del trabajo, mientras que las interacciones sociales en los espacios públicos y las apropiaciones espaciales establecidas favorecen el encuentro con familiares y amigos.

Reflections on urbanity and hospitality: appropriation of public spaces by immigrants in Erechim/RS

Abstract

This article aims to understand the relationship between immigrants of Haitian, Venezuelan, and Senegalese origin and public spaces in the city of Erechim, Rio Grande do Sul, taking into account factors such as their arrival in the new country and, more specifically, in the municipality, as well as the relationship between work and appropriation of urban spaces. It also seeks to reflect on whether there are spaces that foster a sense of belonging, promote acceptance, and allow for the sociocultural expressions of these groups, contributing to a more inclusive, diverse city that is sensitive to contemporary migratory dynamics. As research methods and techniques, we seek to develop qualitative and interdisciplinary actions through bibliographic, legislative, and documentary analysis, data collection, field observations, and searches on the subject in local media. As results, we noticed that although there are policies to support immigrants, the main relationship established with urban spaces is limited to interactions arising from work, while social interactions in public spaces and established spatial appropriations favor encounters with relatives and friends.

Keywords: urbanism; public space; migrants; hospitality.

Introdução

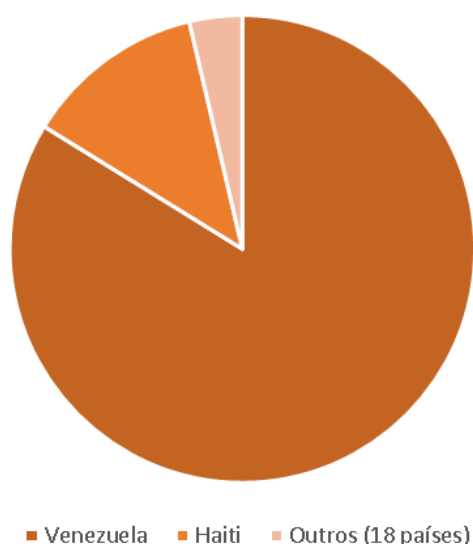
Como parte do programa de pesquisa “Ambiências em arquitetura e urbanismo: as pessoas e a criação de lugares significativos”, o subprojeto “Formas de acolhimento na arquitetura e urbanismo na cidade de Erechim”, institucionalizado pela Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) e fomentado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul (FAPERGS), está inserido na área da Arquitetura e Urbanismo e tem como escopo principal entender a relação entre as pessoas e os espaços públicos. Em nosso trabalho, percebemos a necessidade de dar visibilidade aos imigrantes que integram a paisagem de

Erechim/RS. Neste artigo, serão apresentados resultados desta pesquisa e os caminhos que nos levaram a eles.

Para desenvolver esta pesquisa de abordagem qualitativa e interdisciplinar, utilizamos como métodos e técnicas a análise bibliográfica, legislativa e documental, levantamento de dados, observações em campo e buscas sobre o assunto em jornais locais. Analisando o contexto de migração desde a partida de sua terra natal até a chegada destes indivíduos em Erechim, com aporte teórico, buscamos nesta pesquisa compreender como ocorre a apropriação dos espaços urbanos pelos imigrantes e como a cidade desempenha (ou não) o papel de acolhimento e de espaço de identificação para essas pessoas de culturas tão distintas que passam a integrar as paisagens urbanas erechinenses.

De acordo com dados de 2024 fornecidos pela Secretaria Municipal de Assistência Social de Erechim (SMAS), existem 2.724 imigrantes residentes no município. Eles são oriundos de 20 países distintos. Podemos destacar a relevância dos grupos vindos do Haiti, com 342 imigrantes (12,56%), e da Venezuela, com 2.282 imigrantes (83,77%). Além disso, 100 pessoas (3,67%) originam-se de outros países, principalmente da África e da América Latina, como está ilustrado no gráfico abaixo:

Figura 1: Gráfico ilustrativo da presença de imigrantes em Erechim e países de origem.



Fonte: Os autores, com base nos dados fornecidos pela SMSA/Erechim, 2025.

Com base nestes dados, decidimos dar ênfase à presença na cidade dos haitianos e venezuelanos, além dos senegaleses, no intuito de compreender suas motivações para habitar em Erechim, suas relações, vivências e trocas com o espaço urbano e com os demais moradores da cidade. Foram realizadas observações da utilização, permanência e apropriação temporária de espaços públicos livres da cidade por parte dos imigrantes e obtivemos como resultados a percepção da ocorrência de uma apropriação periódica, contínua e com localização definida, a qual inicialmente se tornou a principal motivação para o desenvolvimento da pesquisa, tendo em vista que ela ocorre já faz alguns anos. Segundo a SMAS, os indivíduos responsáveis por esta apropriação estão alocados no município há cerca de dez anos.

A partir da análise dos dados levantados e produzidos durante a pesquisa, percebemos que o aspecto econômico é um fator atrativo para os imigrantes que chegam na cidade, é o responsável pela principal interação com a população local tanto através de trabalhos formais quanto informais.

Por meio da análise da legislação³ referente ao uso dos espaços livres do centro da cidade por vendedores ambulantes, verificou-se que a escolha dos lugares de apropriação temporária respeitava as limitações impostas. No caso dos imigrantes observados, eles estão enquadrados na Lei nº 222/2020 como ambulantes “efetivos”, caracterizados por exercer suas atividades quando carregam junto ao corpo as mercadorias e equipamentos e circulam de forma regular ou eventual. Desta maneira, para eles, fica vedada a comercialização de produtos alimentícios e/ou que necessitem refrigeração, portanto, como observado, suas mercadorias se trata majoritariamente de artigos de vestuário e acessórios (como óculos, relógios, colares). Ainda na mesma lei, é imposta uma distância mínima de 50m entre os pontos de vendas destes ambulantes e de eventuais lojas com produtos do mesmo segmento ou similares, os imigrantes estão condicionados aos locais onde pode haver esta apropriação.

Com relação às atividades de lazer, algumas praças e parques próximos às suas residências também são apropriados pelas famílias e grupos de amigos, bem como as ruas adjacentes aos seus locais de moradia. O jogo de futebol é uma atividade física agrupadora e observada em mais de um bairro ao longo da pesquisa.

O diálogo com o referencial teórico possibilita compreender que determinadas características da configuração dos espaços livres de Erechim, como a dimensão das calçadas,

³ A Lei Municipal nº 222, de 13 de janeiro de 2020, estabelece restrições em relação a locais possíveis para o exercício do comércio ambulante.

a proteção das marquises, os canteiros centrais arborizados e dotados de áreas de estar, conferem maior urbanidade e diversidade de apropriações nas áreas centrais da cidade e proporcionam acolhimento, são atrativos para a vitalidade urbana.

A seguir, apresentaremos os métodos e técnicas utilizados no desenvolvimento da pesquisa, seguidos de reflexões embasadas nos referenciais teóricos utilizados para a análise das observações de campo. Os resultados são precedidos pela explanação do contexto em que a pesquisa se insere. Para apresentação da análise, utilizamos fotografias, mapas e esquemas gráficos e, a partir deste percurso, são elaboradas as considerações finais.

Sobre o método

Essa pesquisa teve uma abordagem qualitativa que, segundo Lüdke e André (2012), apresenta algumas características, como o contato direto com o ambiente estudado e o desenvolvimento do trabalho de campo, que possibilite conhecer o contexto e realizar a coleta e a produção de dados para adequada descrição do problema. É uma abordagem que se caracteriza pela maior preocupação com o processo de pesquisa do que com o produto. Somado a isto, a análise dos dados não objetiva comprovar hipóteses pré-estabelecidas, mas começa com questões amplas que se delimitam no decorrer da pesquisa e com apoio de referenciais teóricos e documentais.

Iniciamos a pesquisa pela revisão bibliográfica e estudo de referenciais teóricos interdisciplinares das seguintes áreas: arquitetura e urbanismo, sociologia, geografia, psicologia ambiental, antropologia e economia. Os textos e autores utilizados como base para o desenvolvimento desta pesquisa foram adotados com o critério de oportunizar debates e reflexões sobre as relações implícitas entre imigração, arquitetura, economia, trabalho, sociedade, cultura, apropriação e espaços públicos, priorizando o olhar sobre a cidade e o urbanismo. A partir das primeiras discussões em uma escala macro, nos aproximamos do contexto local e investigamos sobre imigração, mais especificamente na região Sul do Brasil, em dissertações, teses e artigos, a fim de subsidiar a observação para compreendermos melhor como estas relações ocorrem em nossa realidade.

Tais referenciais auxiliaram na compreensão de diferentes aspectos relacionados aos usos do espaço urbano, à percepção e forma de apropriação das pessoas com relação a esses ambientes. Oportunizaram ainda entender o contexto da imigração na região Sul do Brasil e os aspectos relativos ao estabelecimento dos imigrantes em Erechim. A seguir, foram realizados levantamentos e análise documental e legal para compreender como as políticas

públicas orientam os usos do espaço urbano. Nesta etapa, iniciamos uma abordagem local, com observações em campo, para investigar especificamente como isso ocorre na cidade de Erechim. Realizamos observações das pessoas a interagir com os ambientes e vestígios comportamentais.

Nas observações de campo, realizamos registro fotográfico da interação das pessoas com os ambientes. Para Ferrara (1997), a fotografia pode aguçar a percepção porque capta a perspectiva do observador, indica interpretações e auxilia na análise. Consideramos que a experiência urbana e arquitetônica só é completa ao percorrer os lugares, percebendo-os com todos os sentidos. A fotografia pode expressar as percepções obtidas por meio do registro de cores, texturas, luminosidades, posturas, configurações e usos dos espaços. Embora seja limitadora, enquanto registro de um instante no tempo e no espaço capturado a partir de um ponto de vista, pode enriquecer a análise posterior, quando a memória e as anotações de campo falham em alguns detalhes (Attané; Langewiesche, 2005). Possibilita, assim, conter o tempo, observar com mais calma, perceber aspectos e detalhes que passaram despercebidos no momento do registro (Edwards, 1996).

Neste sentido, podemos compreender alguns usos possíveis das fotografias na pesquisa, “seja enquanto um instrumento para a análise, seja como instigadora de reflexões teóricas ou, ainda, como elemento fundamental da trama relacional observador/observado na pesquisa de campo” (Peixoto; Monte-Mór, 1996, p. 5). Nesta pesquisa, consideramos relevante registrar a presença das pessoas nos ambientes, suas posturas e configurações, contudo tivemos o cuidado de ocultar a identidade delas quando aparecem nos espaços. Existe, como destaca Gerber (2012), a questão ética do cuidado com os direitos de imagem e autoria.

Segundo Alcântara (2012, p. 23), “a paisagem da cidade possui escalas espaciais distintas e elas permitem sua observação e análise de modos diferenciados e complementares”, é possível abordar em uma pesquisa estas diferentes escalas, desde a regional até a mais minuciosa, por meio de um recorte urbano. Neste segundo tipo de análise, buscamos um olhar mais sensível e atento, que parte da experiência do pesquisador com o ambiente urbano, classificado pela autora como uma abordagem experiencial. Entendemos que esta abordagem dialoga com estratégias dos métodos de pesquisa etnográfica, como a observação participante, utilizada nesta pesquisa para identificação e análise da relação das pessoas com os lugares, seus modos de uso, apropriação e transformações decorrentes.

Urbanidade e acolhimento da diversidade

O interesse inicial em pesquisar a presença de imigrantes no centro de Erechim deveu-se à observação de vendedores ambulantes de artigos de vestuário nas ruas e avenidas principais da cidade. A frequência e permanência de uso, suas posturas em seus momentos de apropriação dos espaços livres, a sonoridade de suas línguas, a expressividade de suas fisionomias e vestimentas com traços culturais⁴ os destacavam dos demais transeuntes e suscitavam a curiosidade acerca destas presenças, registradas na região como vimos acima há mais de uma década (Tedesco; Grzybovski, 2013).

A apropriação temporária de determinados lugares da cidade pelos vendedores ambulantes pode ser compreendida, a partir da leitura de Michel de Certeau (1998), como táticas que garantiram um lugar próprio, ainda que efêmero, no espaço livre público. Os imigrantes se destacam na paisagem urbana porque são sujeitos em adaptação ao contexto social dominante. O próprio uso que fazem das calçadas para vendas de artigos pode ser considerado subversão, ao posicionarem-se em frente às edificações comerciais, ainda que em partes “neutras” das fachadas. Ocupam espaços de passagem, transformando-os em lugares de permanência, de comércio e de encontro – com possíveis compradores, mas também com seus conterrâneos, que exercem a mesma atividade na próxima esquina. A partir da leitura de Simmel (2006), compreendemos a sociabilidade neste posicionamento motivado por um fator econômico realizado, contudo, em proximidade com parentes e amigos, como facilitadores de uma interação com a sociedade local. Nesta apropriação cotidiana e pendular, contribuem para a vitalidade dos espaços urbanos e lhes conferem diversidade cultural e social. São, desta forma, atores do acolhimento de seus pares.

Segundo Fuão (2014), o acolhimento pode estar presente em lugares aparentemente inóspitos, como as ruas, conformadas por linhas retas que não proporcionam uma forma acolhedora e protetora. Este autor pondera que

a ética do acolhimento mostra que há sempre possibilidade de acolhimento na inospitalidade, assim como na hospitalidade pode haver hostilidade. (...) Mas o sentir humano compreende que determinados lugares são mais acolhedores, nem que seja à primeira vista, que outros, exatamente por essas disposições, estas conformações espaciais que a natureza proporciona, como a caverna, a gruta (Fuão, 2014, p. 103).

Fuão (2014) reflete sobre os elementos urbanos que conectam pessoas e culturas, como lugares capazes de realizar a “colagem”, a “tradução” cultural, o “transporte” das diferenças.

⁴ Na etapa atual de observação, percebemos não ser mais tão comum o uso dessas vestimentas. Por conta de limitações de interação impostas por questões éticas, não pudemos nos aprofundar nas causas da ausência desta prática atualmente.

Em nossas observações, compreendemos que entre estes elementos está a rua, enquanto ponte que conecta, no ato da venda, diferentes culturas – proporciona o diálogo, a permanência, o convívio. Assim como a ponte, a rua “é intermediária, intermediação, quase uma terra de ninguém, um entre-espaço” (Fuão, 2014, p. 108). Para o autor, a errância pode estar associada à arquitetura enquanto espaços que conectam as diferenças sociais: “Eles são o que costumo chamar de “arquiteturas da errância”, pois permitem a circulação, fazem circular, são veículos de transposição, deslocam acolhendo, unindo, transportando o sentido, o sentimento; só assim o errante chega ao acolhimento da espera, ao encontro” (Fuão, 2014, p. 107).

Roberto da Matta (1997) aprofunda a análise de oposição entre o ambiente doméstico (a casa) e o espaço público (a rua) e possibilita a compreensão de que na rua estamos mais propensos a determinados comportamentos, diferenciados de nossa postura em casa. A rua é o lugar do anonimato, da impessoalidade, da subordinação às normas. É, para o autor, o lugar do movimento, como um rio que corre – e nesta passagem revela o aspecto da insegurança de ser um desconhecido em meio à multidão.

Neste sentido, podemos refletir sobre a errância do migrante⁵, em suas tentativas de se enraizar, se identificar com um lugar que possa chamar de lar. Nisto, a rua possibilita conexão, “intermediação”, é um entre-espaço, como argumenta Fuão (2014). Marc Augè (1994) considera as ruas e espaços comerciais como “não-lugares”, por serem espaços de passagem e de consumo. Contudo, como observamos na pesquisa, as práticas comerciais realizadas pelos imigrantes nas ruas do centro proporcionam relações sociais e apropriações espaciais. Certeau (1998, p. 100-101), por sua vez, identifica os não-lugares urbanos como espaços potenciais para as táticas – poderíamos dizer de sobrevivência? – dos desprovidos de poder:

Este não-lugar lhe permite sem dúvida mobilidade, mas numa docilidade aos azares do tempo, para captar no vôo as possibilidades oferecidas por um instante. Tem que utilizar, vigilante, as falhas que as conjunturas particulares vão abrindo na vigilância do poder proprietário. Aí vai caçar. Cria ali surpresas. Consegue estar onde ninguém espera. É astúcia.

⁵ Vale ressaltar a diferença entre os termos “migrante” e “imigrante” neste artigo. Migrante é todo aquele que migra, independentemente de sua origem ou do contexto ao qual se refere. Imigrante, por sua vez, é o estrangeiro que vem para o país de origem de quem se refere ao termo; como nós, autores, somos brasileiros, consideramos imigrantes aqueles que vêm para morar no Brasil. Portanto, todo imigrante pode ser considerado migrante, mas nem todo migrante é imigrante. Já o termo “errante”, neste texto, refere-se àquele indivíduo que, de maneira voluntária, experimenta a cidade através das errâncias, que possibilitam tornar estranho o familiar: “A experiência errática é uma possibilidade de experiência da alteridade na cidade” (Jacques, 2012, p. 111).

Não podemos deixar de mencionar o preconceito vivenciado pelo imigrante negro que estende suas mercadorias no chão da cidade e como esta imagem contrasta com a ordem urbana pré-estabelecida. Como descreve Pechman (2012, p. 261), em sua análise sobre a imagem da cidade de São Paulo enquanto o avesso da paisagem, ilustrando em fotografias seus contrastes comerciais, dos shopping centers às calçadas: “Temos então um desclassificado que estende seu manto de badulaques sobre a cidade das grandes oportunidades e ainda por cima atrapalha seus fluxos”.

Enfocamos os vendedores ambulantes por serem mais representativos da diversidade na identidade do espaço urbano, porém a presença de imigrantes, principalmente venezuelanos, é ainda maior no comércio formal, nos supermercados, nas escolas, nas fábricas. Embora ocorra o acolhimento destes sujeitos pela maior parte da população, pelas políticas públicas e instituições, observamos manifestações xenofóbicas, o que é contraditório numa sociedade que se compõe, majoritariamente, de descendentes de imigrantes, como é o caso de Erechim.

As ruas de Erechim, onde encontram-se vendedores imigrantes, talvez não sejam exatamente não lugares, apesar de serem espaços de passagem, principalmente pelo fato de permitirem a experimentação da urbanidade e a criação de referências na cidade. Suas características morfológicas proporcionam a identificação das pessoas com os lugares, existe apropriação das calçadas e canteiros centrais da avenida pelas pessoas, nos dias de comércio, mais ainda nos finais de semana. Além de ser um espaço comercial, é também lugar de vida, tanto pela visita da população dos bairros periféricos quanto pela presença de edificações de uso misto (comércio no térreo, residencial nos andares superiores), cujos moradores também utilizam a avenida como espaço de lazer e convivência.

Segundo Alcântara (2012, p. 24), “a dimensão humana, ou seja, a atividade e as ações dos homens, confere vida e significado à paisagem”, por meio dos fluxos contínuos de pessoas que animam os espaços livres públicos. A autora reconhece que “os diversos grupos sociais que coabitam ou coexistem nos espaços aderentes da cidade tornam-se assim elementos integrantes da paisagem cultural e fonte de achados sobre processos sociais, usos e apropriações” (Alcântara, 2012, p. 24).

Paola Jacques (2012, p. 113) enfatiza a vivência do espaço urbano por meio da

valorização da experiência, em particular da experiência da alteridade urbana, da experiência do outro e da diferença na cidade, da cidade como um terreno de experiências – um processo bastante complexo, um jogo talvez, à maneira situacionista, entre diferença e semelhança, exótico e cotidiano, Outro e mesmo. Uma tensão permanente, uma copresença ambígua dessas questões ao se buscar o

estranhamento no cotidiano, um jogo contínuo entre familiar e estranho no espaço urbano.

Experienciar a cidade em sua diversidade, assimilar suas paisagens dinâmicas repletas de atores e objetos em interação é ainda mais efetivo se nos permitirmos o percurso errante, a vivência corporal das trocas com o corpo da cidade.

Holzer (2013) exemplifica que os lugares existem a partir da vivência de experiências compartilhadas entre seres humanos, as quais despertam a atenção coletiva para um ponto comum. Portanto, pode-se constatar que a apropriação dos imigrantes na venda de artigos nas ruas transforma os espaços em lugares e traz uma importância simbólica que propicia a troca com o ambiente e com os demais indivíduos.

De acordo com Mauss (1950), as relações sociais ocorrem a partir de três obrigações básicas inerentes à vivência humana: dar, receber e retribuir. Este conceito não se limita a relações de trocas mercantis entre produtos e valores, ele se atém a questões simbólicas implícitas nestas trocas, que podem ser de objetos ou de simples ações ou gestos. Para o autor francês, este fenômeno denominado de dádiva representa a construção de relações sociais maiores que os próprios indivíduos, pois representam a coletividade e proporcionam a evolução coletiva a partir da troca. Mauss oferece um modelo para entender a difusão e a transformação das práticas culturais ao longo do tempo. Na contemporaneidade, essas dinâmicas adquirem novas formas e significados, em especial no contexto da globalização. A interconexão global intensifica os fluxos de trocas culturais e impulsiona a circulação de valores, ideias, símbolos e práticas entre diferentes sociedades.

Buscamos observar e compreender, sob a ótica da dádiva, como ocorrem estas relações de troca, tanto com os imigrantes entre si (sejam da mesma origem ou não), quanto com os moradores nativos – se há apoio, como seguem as conversas e trocas de experiências e até mesmo como isto impacta no desempenho do trabalho, já que a venda neste contexto é pautada na troca, não do produto em si, mas da necessidade apresentada pelo consumidor e pela oferta de algo que possa supri-la.

O espaço analisado, localizado na área central de Erechim, onde se concentram os vendedores ambulantes, configura-se como o epicentro da urbanidade no município. Essa região foi a primeira a se consolidar no contexto urbano e abriga diversos espaços de relevância histórica e arquitetônica, como a Prefeitura Municipal, a Catedral de São José, o “Castelinho”⁶ e a Praça da Bandeira. Ademais, concentra uma ampla oferta de serviços, como

⁶ Prédio da década de 1910, construído para abrigar a Comissão de Terras do Estado, é um exemplar da técnica construtiva da época e um marco arquitetônico.

comércios, farmácias, práticas religiosas e autarquias públicas, o que gera uma circulação contínua de pessoas de diferentes idades, origens étnicas, classes sociais e outros marcadores identitários.

Desse modo, o fluxo constante de pessoas torna-se essencial para a manutenção e afirmação desses pontos de venda, uma vez que a visibilidade das mercadorias depende diretamente da circulação no local. Além do movimento urbano, aspectos ambientais também são considerados, como a proteção das marquises e das fachadas cegas das edificações, de modo a evitar interferências nas dinâmicas do comércio já consolidado. Observamos alguns aspectos da morfologia urbana que agregam possibilidades de acolhimento e urbanidade, segundo o que entendemos a partir de Aguiar (2012, p. 119-120):

O conceito de urbanidade, aqui focalizado, se refere ao modo como espaços da cidade acolhem as pessoas. Espaços com urbanidade são espaços hospitaleiros. O oposto são os espaços inóspitos ou, se quisermos, de baixa urbanidade. (...) um entendimento de espaço público como locus de uma cultura urbana compartilhada, fundada em valores coletivos, uma cultura que envolve o convívio com os opostos, envolve diversidade, troca e, mais que tudo, o desfrute de uma cidade que tenha o espaço urbano como fundo ativo. (...) A urbanidade é composta, portanto, por algo que vem da cidade, da rua, do edifício e que é apropriado, em maior ou menor grau, pelo corpo individual e coletivo. A urbanidade, assim entendida, estaria precisamente nesse modo de apropriação da situação pelas pessoas, seja na escala do edifício, seja na escala da cidade.

Aguiar nos permite compreender que a forma do espaço público – que será apresentado posteriormente de maneira mais detalhada – a dimensão das vias, a largura das calçadas, a proteção das marquises, a presença de vegetação que configura ambientes e “coberturas”, os espaços de respiro que os canteiros centrais proporcionam ao atravessar a avenida, ou ainda, ao permanecer para apreciar o movimento, todos estes elementos conferem facilidade à permanência, ao acolhimento e à apropriação. Contudo, esta urbanidade, que pode conferir vitalidade aos espaços urbanos, será mais plenamente efetivada se houver diversidade humana: “a presença de pessoas no espaço público será um primeiro indício, aquele mais básico, da condição de urbanidade, especialmente se essa copresença for efetivada por pessoas com diferente poder de compra, etnia e religião” (Aguiar, 2012, p. 128).

Contexto da migração

O Brasil é de fato um país plural. Ao longo de sua história, inúmeros fluxos migratórios proporcionaram que pessoas oriundas dos mais variados lugares do mundo viessem para cá em busca de um lugar para viver. Esses fluxos migratórios se intensificaram no País a partir do final do século XIX e início do século XX, com a vinda de imigrantes europeus, como italianos, alemães, poloneses, entre outros, resultado de êxodo rural e resquícios do pós-guerra (Araújo; Cavalcanti; Oliveira, 2025).

A partir da segunda metade do século XX até o início deste século, podia-se perceber que as migrações tinham destinos Sul-Norte, onde pessoas de países vulneráveis buscavam asilo em países economicamente mais desenvolvidos, e este fenômeno era mais comum com africanos e sul-americanos em busca de oportunidades na Europa e na América do Norte. Nos últimos anos, porém, agravados pela crise de 2007 ocorrida nos Estados Unidos da América, que impactou significativamente o lado Norte do globo, rotas Sul-Sul se tornaram cada vez mais uma alternativa (Oliveira, 2020).

De acordo com Cavalcanti, Oliveira e Silva (2021), os recentes fluxos migratórios se dão por conta do deslocamento de mão de obra, decorrentes da atual conjuntura do mercado capitalista, a qual promove populações desenraizadas nos países periféricos, enquanto cria vínculos em países centrais. Outros fatores de impacto nos movimentos de emigração são as crises econômicas, políticas e climáticas que ocorrem quando muitas pessoas se veem sem alternativas senão deixar seus países de origem.

Em muitos destes casos, o destino é o Brasil, não apenas devido à sua política de migração que, por meio da Lei Federal nº 13.445/2017, facilita o acesso de estrangeiros ao País e lhes garante diversos direitos, mas também, segundo os mesmos autores, pelo caráter de produção primária do País num contexto de aumento de consumo global. Mamed (2018) ressalta o papel chave desenvolvido pela agroindústria da carne na intensa migração com destino à região Sul do Brasil, devido ao ingresso competitivo do País no ramo, o qual ocorre pelo baixo custo de produção estimulado pela tendência de precarização estrutural do trabalho, confluindo com os ajustes do capital.

Para Martins (2020), a migração também é de interesse do Estado, tendo em vista possíveis expansões diplomáticas. Esta estratégia de mobilidade trata de conjuntos de fatores que geram espacialidades por parte dos grupos de migrantes em seus locais de destino. Neste fenômeno ocorre uma troca entre o imigrante, que busca estabilidade, e o Estado, que possui interesses vinculados ao capital por meio da prática laboral. Além disso, a Secretaria Municipal de Assistência Social (SMAS) de Erechim também atribui a busca por tratamentos

de saúde gratuitos através do Sistema Único de Saúde (SUS), o município é um polo regional de referência neste setor.

Considerado este contexto, conforme a SMAS de Erechim, a chegada dos imigrantes à região Sul do Brasil acontece majoritariamente de duas maneiras: a primeira ocorre por meio das empresas e indústrias da região que, sabendo do alto fluxo migratório, vão em busca dos recém-chegados ao solo nacional para adquirir mão de obra mais acessível; a segunda acontece por meio do estabelecimento de alguns destes trabalhadores em suas novas cidades, fazendo com que famílias inteiras tenham na emigração uma oportunidade para a melhoria da qualidade de vida.

Ao compreendermos como as relações de emprego estão altamente conectadas com a imigração e iniciada a observação de maneira mais apurada com embasamento teórico, partimos do princípio de que as dinâmicas espaciais dos imigrantes ocorrem de acordo com suas rotinas de trabalho e lazer. Na maioria das vezes, a população é vítima de uma urbanização que prioriza a funcionalidade e homogeneidade da cidade, que dificulta novas experiências na vida urbana (Jacques, 2012). Não é diferente na cidade de Erechim.

Apropriação de imigrantes em espaços públicos de Erechim

Antes de partirmos para a análise da rotina dos imigrantes no município, é importante entender o contexto em que Erechim se torna destino para estes trabalhadores, tendo em vista a distância de Venezuela, Haiti e países africanos. Erechim é um município localizado no norte do Estado do Rio Grande do Sul, com pouco mais de 100 mil habitantes. Com sua economia baseada principalmente na indústria, é um polo que disponibiliza inúmeras vagas de emprego por ano. Segundo dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED), em 2024, 85% das vagas geradas na indústria da cidade foram ocupadas por imigrantes.

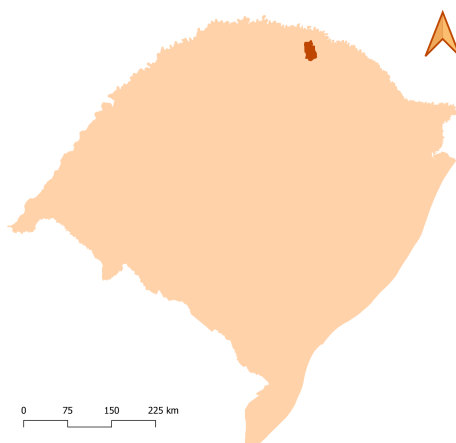
Figura 2: Imagem de satélite com destaque para distância geográfica entre Haiti, Venezuela e o estado do Rio Grande do Sul em sua posição dentro do território brasileiro.



Fonte: Os autores, 2025.

Uma situação relatada pela SMAS é o fluxo contínuo desses imigrantes entre várias cidades próximas — como Chapecó, Concórdia e Passo Fundo — decorrente de fatores como a pouca oferta de residências viáveis financeiramente, intensificada pela especulação imobiliária no município e a escassez de espaços de apropriação e trocas que dificultam a adaptação com a cultura local e identificação com a cidade.

Figura 3: Mapa do Rio Grande do Sul com Erechim em destaque.



Fonte: Os autores, 2025.

No dia a dia, percebe-se nos movimentos realizados nos espaços urbanos, uma forte relação entre o trabalho e o uso da cidade por parte dos imigrantes. Entretanto, pudemos observar a indiferença relativa ao ambiente da cidade como um movimento mais disseminado entre imigrantes empregados no mercado formal, os quais utilizam os espaços públicos apenas como alternativa de deslocamento para seus respectivos trabalhos, muitas vezes em postos no comércio local. Por outro lado, ocorre a identificação de imigrantes apropriando-se de espaços públicos, que por sua vez, também se deve ao trabalho, embora este ocorra de forma autônoma, como vendedores ambulantes. Observamos ainda a apropriação de espaços públicos por motivo de lazer durante os finais de semana dos meses mais quentes, quando podem utilizar espaços adjacentes às suas moradias, seja a própria rua em frente às casas, ou praças localizadas em seus bairros de residência.

Nossas observações foram mais efetivas nos espaços centrais da cidade, que são caracterizados por amplas avenidas, conformadas por edificações de diferentes períodos históricos, posicionadas no alinhamento do lote com a calçada. As calçadas são largas, protegidas parcialmente pelas marquises das edificações, que configuram um espaço protegido nos dias de chuva ou sol intenso, caracterizando espaços públicos que conformam “grutas” e proporcionam o acolhimento mencionado por Fuão (2014). Sob estas marquises protetoras acontece a apropriação por parte dos imigrantes que atuam no comércio ambulante, como pode ser observado nas Figura 3 e 4:

Figura 4: Imigrante vendendo produtos na avenida principal de comércio da cidade.



Fonte: Os autores, 2025.

Figura 5: Imigrante expõe produtos em uma das ruas adjacentes à avenida principal de comércio.



Fonte: Os autores, 2025.

Para além das imagens, podemos ressaltar que, apesar de estarem em ruas movimentadas, a presença destes vendedores passa despercebida por parte da população, tendo em vista que os mesmos não fazem abordagens contundentes às pessoas que ali transitam, eles passam boa parte do tempo sentados e observando, até que alguém demonstre interesse nos produtos para que iniciem o processo de venda. Os maiores deslocamentos feitos por eles no período de trabalho são em pequenos momentos de encontro com outros

vendedores, onde eles se encontram em pontos “médios” onde ambos podem visualizar suas mercadorias. Observamos ainda que seus pontos de vendas também são lugares de encontro entre seus parentes e amigos.

Segundo Pol (1996), a apropriação possibilita a transformação de um espaço em um lugar significativo a partir da experiência do usuário. O autor discute também a territorialidade humana como a relação com um entorno físico específico que é ocupado e defendido, perante o qual nutre-se um sentimento de posse e pertencimento. Em Erechim, observamos que a demarcação efêmera de espaços para a venda de produtos é realizada com apoio em lonas, tecidos e outros elementos expositores dos produtos. Os lugares de venda são ocupados pelas mesmas pessoas todos os dias, configurando uma apropriação pendular do espaço.

Douglas Aguiar (2012) considera que a constituição do espaço, sua conformação local, é um atributo crucial da condição de urbanidade, que pode se refletir na quantidade de aberturas e conexões, como portas e janelas, entre os espaços construídos (privados) e o espaço aberto público. Desta forma, a geometria do espaço, sua configuração de altura dos edifícios adjacentes, largura das calçadas e sua relação com as vias, podem condicionar espaços côncavos (acolhedores) ou convexos (inóspitos). Os ambientes urbanos escolhidos pelos imigrantes caracterizam-se como espaços côncavos, ao apresentarem marquises que protegem das intempéries, como ilustrado nas Figuras 4 e 5. Também estão localizados na região da cidade que possui maior vitalidade urbana, um dos aspectos positivos da urbanidade, como mencionado por Aguiar (2012).

Segundo Favaretto *et al* (2020. p.17), “as avenidas que compõem o eixo viário principal da cidade possuem largos canteiros centrais de expressiva beleza cênica em virtude da arborização, onde se encontram frondosas árvores envolvidas em ambientes concebidos através de paisagismo ornamental.” Junto a estes canteiros encontram-se bancos na sombra, dos quais as pessoas se apropriam em diferentes momentos, seja durante a semana para um descanso mais rápido, ou durante os finais de semana, quando levam cadeiras de praia, chimarrão, pipoca, entre outros, transformando o percurso da avenida principal em um espaço de estar e lazer.

É possível verificar que a população em geral usufrui com regularidade os espaços dos canteiros, levando cadeiras dobráveis para permanecer nestas áreas especialmente nos finais de semana. Geralmente os usuários são moradores próximos ao trecho do canteiro, e deslocam-se a pé. Conforme o local da avenida, há variação nos marcos atrativos de suporte e na faixa etária da população usuária,

ainda que o destaque seja o setor de comércio e serviços, como mercados, sorveterias, escolas, padarias e casas noturnas (Zanin *et al*, 2016, p.16).

É relevante destacar que a permanência das pessoas se concentra na Avenida Maurício Cardoso, uma das áreas mais nobres da cidade, “uma das regiões de mais alto valor da parcela urbana, situada no lado oposto dos bairros mais pobres do município” (Favaretto *et al*, 2020, p.17). Estes canteiros são utilizados nos finais de semana por pessoas provenientes de diversos bairros da cidade, incluindo moradores locais, por ser uma das regiões de maior densidade populacional.

Zanin *et al* (2016, p.15) consideram os canteiros da Avenida Maurício Cardoso “integrados com o entorno construído” por possibilitarem grande circulação de pedestres entre os dois lados da avenida, além de serem utilizados para permanência e estar. As autoras destacam que nesta região do centro “os marcos atrativos que atuam como agentes polarizadores de uso dos espaços livres públicos são, em grande parte, o setor comercial e de serviços”. Desta forma, ponderamos que esta atratividade e integração torna oportuna a escolha desta região para estabelecimento pendular dos imigrantes para comércio ambulante.

Figura 6: Avenida principal com canteiro central.



Fonte: Os autores, 2025.

Observamos que a avenida principal, em suas quadras mais movimentadas, está sendo alvo de uma restauração da pavimentação dos canteiros centrais, compostos por desenhos em pedra portuguesa. Somado a estas obras, algumas árvores, principalmente jacarandás, e arbustos foram removidos dos canteiros centrais, o que alterou a ambiência dos mesmos e, desta forma, a paisagem urbana, antes emoldurada pela vegetação. Precisamos estar atentos a

processos de revitalização e suas consequências na apropriação dos espaços, principalmente ao alterarem o microclima local.

Neste sentido, é relevante a consideração de Jacques,

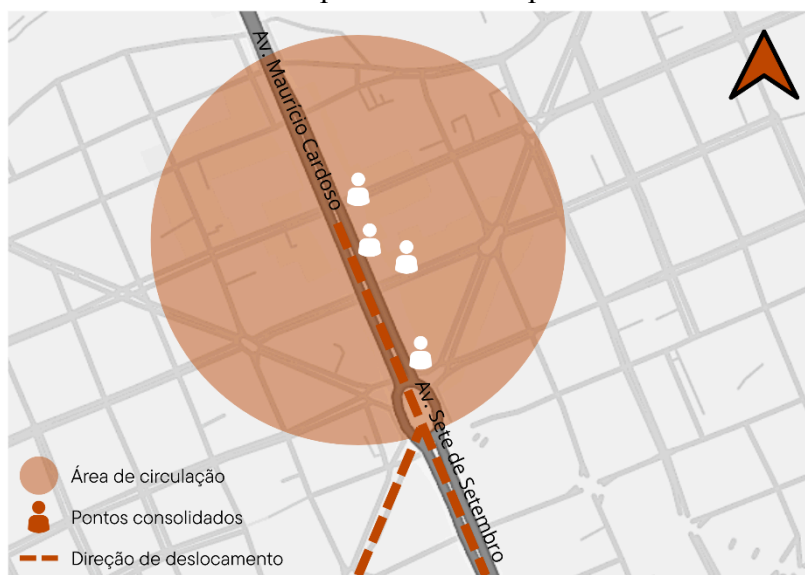
Esta experiência do Outro, do diferente, da diferença, da alteridade na cidade, parece ser exatamente o que o processo atual de espetacularização urbana e, em particular, todas as tentativas de pacificação dos espaços públicos dele resultantes, buscam eliminar da cidade. A alteridade (ou o Outro urbano) se torna o principal alvo dos atuais projetos de assepsia, limpeza social (gentrificação), vigilância e controle urbanos (Jacques, 2012, p.111).

Percebemos que a vegetação arbustiva e arbórea, enquanto elemento de configuração do ambiente urbano, incentivava a apropriação dos canteiros centrais pelas pessoas, porém a falta destes elementos tornou o espaço urbano menos acolhedor. Como estas observações foram realizadas nas estações mais frias, podemos imaginar considerá-lo inóspito nos dias quentes de verão. Compreendemos que será um período de transição, enquanto a nova vegetação inserida na avenida atinja o porte das antigas árvores que foram retidas (algo em torno de 20 anos).

Ao realizarmos observações a campo, percebemos que a utilização dos espaços públicos pelos imigrantes, na maioria das vezes, era apenas para deslocamento, sem um vínculo real de troca com o ambiente. Para Pol (1996), a apropriação do espaço ocorre quando um indivíduo ou grupo demonstra domínio sobre todos os aspectos que compõem determinado lugar, sejam eles físicos ou simbólicos, e assim passam a ocupá-lo demonstrando sua própria identidade. Onde ocorre esse fenômeno da apropriação por parte dos imigrantes do município, comumente está relacionado ao trabalho, seja através de motoristas de aplicativo, ou no caso de vendedores ambulantes de artigos diversos.

A Lei Municipal nº222 de 13 de janeiro de 2020 estabelece restrições em relação a locais possíveis para o exercício de comércio ambulante. Sabendo dessas limitações, os comerciantes buscam a melhor forma de se instalar levando em conta também questões ambientais, como o sol e a chuva, e questões de mobilidade, fazendo-os buscar espaços sob marquises e em paredes sem aberturas. Outro fator que observamos, que é levado em consideração por eles, se trata da proximidade com os colegas conterrâneos, para que nos momentos de baixo movimento eles possam se deslocar para conversar sem perder as mercadorias de vista (Figura 5). Sobretudo, eles procuram se estabelecer em locais no centro da cidade, onde suas mercadorias fiquem visíveis aos vários transeuntes diários, por mais que isso implique em grandes deslocamentos.

Figura 7: Mapa com trajetos de deslocamento e pontos escolhidos para a venda de produtos.

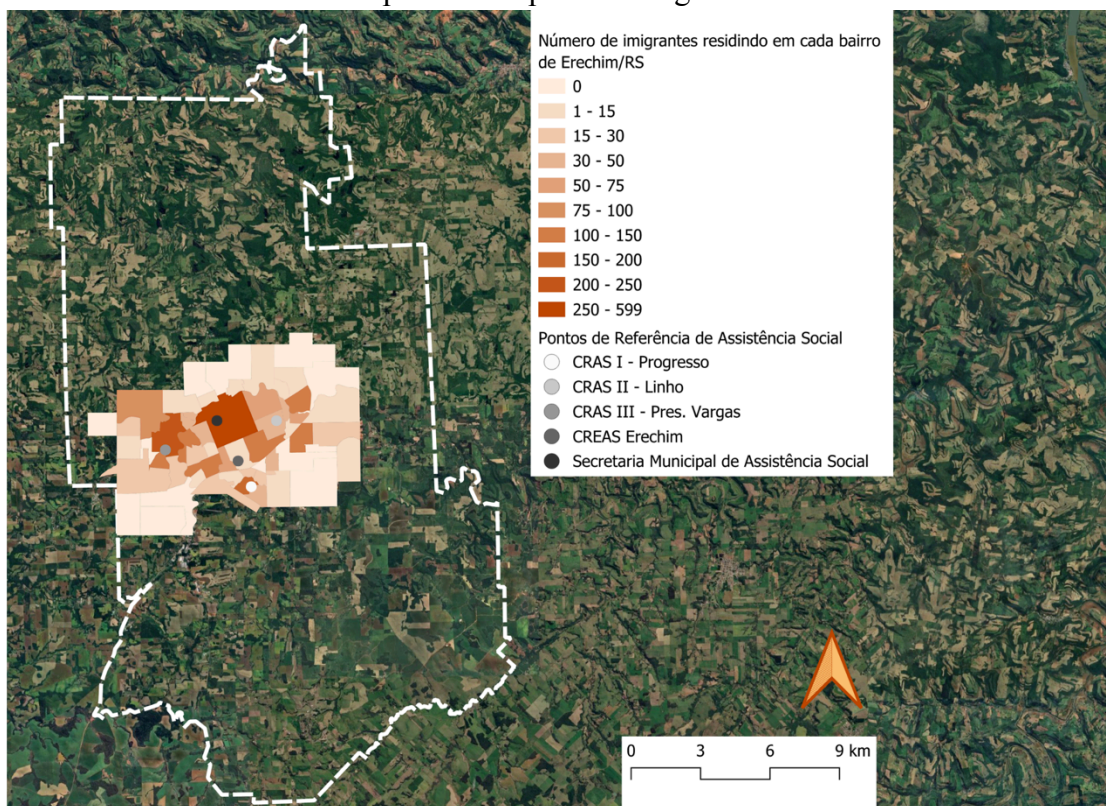


Fonte: Os autores, 2025.

Neste contexto de inserção dos imigrantes, ressalta-se a pouca representatividade no município de questões voltadas à ancestralidade latino-americana, pois ambos os países que compõem as principais populações de imigrantes no município não possuem os devidos espaços adequados para a prática de suas culturas. A UFFS tenta reverter este cenário, sendo alternativa para estudantes vindos de outros países, incentivando sua inserção na comunidade local e promovendo a troca intercultural. Porém, no centro urbano esta troca ainda é dificultada, pois, com ressalta Jacques (2012), cada vez mais as cidades tendem a se tornar mais homogêneas e funcionais, sem priorizar a experiência de pluralidade na cidade, o que acarreta na falta de identificação e de apropriação do usuário com relação aos espaços urbanos.

De acordo com a SMAS, milhares de imigrantes estão residindo na cidade e com isso a oferta de imóveis no mercado não é suficiente para suprir as necessidades de habitação da crescente população, por mais que seja comum várias famílias habitarem a mesma residência. No mapa abaixo apresentamos a distribuição de habitantes por bairro no município.

Figura 8: Mapa de Erechim com mancha urbana dividida em bairros e localização de pontos de apoio ao imigrante.



Fonte: Elaborado pelos autores com base nos dados de 2024 fornecidos pela SMAS, 2025.

Apesar do mapa indicar que o centro é o bairro com a maior concentração de imigrantes residentes, a maior parte deles ainda vive em zonas mais periféricas da cidade, com dificuldade de acesso a certos serviços. Uma problemática vivenciada até mesmo pelos moradores do centro, apesar da apropriação possibilitada pelos canteiros centrais da avenida principal, é a falta de lugares de lazer adequados e espaços propriamente de encontro e apropriação. Observamos que os imigrantes realizam o uso esporádico de praças e de espaços adjacentes às suas moradias para atividades de esporte, lazer e recreação de adultos e crianças. Uma das principais praças utilizadas pelos moradores da área central da cidade é a Praça Daltro Filho, que possui mais atrativos para públicos diversos:

A Praça Daltro Filho foi projetada para configurar um espaço de lazer, portanto seu uso é de permanência, principalmente em fins de semana e de caráter frequente, diurno. Serve, em geral, à população residente nas redondezas e a de outros bairros, que se deslocam até ela a pé ou de automóvel. Taxistas e freteiros possuem um ponto na localidade, e próximo há uma padaria, uma fruteira, entre outros estabelecimentos comerciais. No seu interior existem vários equipamentos, como playground, pista de skate, quadra de esportes, entre outros, que servem de marcos atrativos para um público bastante diversificado. A praça é elevada do nível do solo, e, apesar de ser acessível por escadas e ter apenas um acesso em rampa, a topografia proporciona

maior segurança aos usuários com relação à presença das vias limítrofes (Zanin *et al*, 2016, p.16-17).

Figura 9: Imigrantes realizando práticas esportivas na Praça Daltro Filho.



Fonte: Os autores, 2025.

Outro problema enfrentado pelos imigrantes com relação ao estabelecimento de residência na cidade é a informalidade dos contratos de locação dos imóveis, pois geralmente, ao procurarem aluguéis mais acessíveis em áreas periféricas do município, o aluguel é estabelecido diretamente com o proprietário do imóvel, o qual acresce um determinado valor por dispensar a necessidade de fiadores. O mapa pode passar a falsa sensação de que os imigrantes não estão nos bairros mais afastados, mas isso só evidencia mais um problema, pois alguns destes bairros afastados constituem novos loteamentos que disponibilizam majoritariamente terrenos para venda, um sonho distante ainda para os recém-chegados, e pouco incentivado devido à rotatividade forçada da mão-de-obra. Como aspecto positivo, pode-se considerar a acessibilidade dos pontos de referência de assistência social em todos os bairros, que desempenham um papel fundamental para a adaptação dos novos moradores, mas ainda assim é incapaz de atender a todas as necessidades, especialmente nas questões de apropriação e identificação cultural.

Após a imersão no assunto pesquisado a partir do referencial teórico, os trabalhos de observação e aproximação com o campo e com os indivíduos a serem estudados, junto à

busca de dados, nos permitiu atingir algumas conclusões, dentre elas a dificuldade de inserção dos imigrantes na comunidade erechinense.

Se por um lado é verdade que a razão essencial da emigração reside na busca de trabalho e que é também o trabalho que pode, sozinho, justificar a presença do imigrante, por outro este se encontra, sob todos os pontos de vista e em todos os setores de sua existência, numa situação excepcionalmente diferente daquela do trabalhador nativo (ou nacional). (Sayad, 1980, apud Dias *et al*, 2020, p.7)

Isso gera um ciclo de invisibilidade na sociedade e uma situação particular do imigrante estar “à deriva” pelo fato de estar distante fisicamente de sua terra natal e politicamente de seu novo país. Assim sendo, é impossível separar a emigração, causa, e imigração, consequência, além de todas as implicações que isso provoca ao imigrante que é forçado a buscar seu espaço onde, a princípio, “não lhe pertence” e ele “não pertence”.

Percebemos que a presença dos imigrantes na cidade transformou a paisagem urbana, acrescentando mais vitalidade, dinamismo e diversidade cultural. É importante considerar que estamos analisando uma cidade média do interior do Rio Grande do Sul, cujo espaço urbano caracteriza-se por um controle incisivo de formas de uso e comportamentos, algo muito diferente do que poderia ser observado em uma metrópole. Por isso é relevante destacar como a apropriação das calçadas pelo comércio ambulante praticado pelos imigrantes, enquanto uma atividade pendular, permanece e fortalece sua presença na paisagem.

Conclusões

A partir das análises do dia a dia no município de Erechim, observações da paisagem urbana e a coleta de dados, com base nos referenciais teóricos, podemos chegar a algumas conclusões. Na comunidade erechinense, os imigrantes possuem relações majoritariamente trabalhistas com o espaço público, seja como deslocamento, ou em poucos casos por meio da ocupação para o comércio ambulante. Ainda que se possam ver alguns usuários em praças, ou crianças estrangeiras brincando na rua, não há de fato ambientes que proporcionem sua devida apropriação.

Com o distanciamento do cenário político do Brasil, os imigrantes não têm articulação e força suficientes para buscar condições de trabalho e moradia adequadas. Isso é evidenciado pela dificuldade de estabilização de muitas famílias, causando um fluxo contínuo de pessoas que transitam entre várias cidades diferentes. Porém essas pessoas acabam enfrentando a dura

realidade de não passarem de mão-de-obra para o mercado onde a rotatividade não é empecilho.

A ausência de espaços acolhedores para que o imigrante se identifique, não permite que este se sinta parte da cultura local, o que impede diversas oportunidades de conexão com suas ancestralidades culturais e dificulta a troca de experiências entre o erechinense nato e o que busca na cidade um novo lar. Cada dia mais no mundo globalizado em que vivemos temos a oportunidade de qualificar os espaços para todos, não de uma forma higienista e puramente funcional, mas criando espaços significativos para as pessoas e que enfatizem a pluralidade e multiculturalidade presente em cada lugar. Este é o atributo essencial da urbanidade, a capacidade de acolher as diferenças no espaço público.

Compreender que a diversidade contribui para uma sociedade mais dinâmica é crucial para o desenvolvimento de cidades mais humanas e qualificadas, proporcionando a melhoria da vida da população. Sobretudo, a análise sobre este público muitas vezes invisibilizado nas cidades nos leva à reflexão de como podemos fazer uma conexão do novo (representado pela figura do habitante recém-chegado) com o antigo (presente nas culturas locais e dos imigrantes que iniciaram a ocupação da cidade no passado) para qualificar os espaços e atender as necessidades da população por meio da arquitetura e do urbanismo.

Referências

- AGUIAR, Douglas. Urbanidade e qualidade da cidade. In: RHEINGANTZ, Paulo; PEDRO, Rosa. **Qualidade do lugar e cultura contemporânea**. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro/FAU/PROARQ, 2012. p. 119 a 130.
- ALCÂNTARA, Denise de. Observações sobre o centro: olhares entrelaçados na construção da paisagem urbana do Rio e San Diego. In: ANDRADE, Rubens de; TERRA, Carlos. (orgs). **Avesso da Paisagem: percepção artístico-urbana e imaginário socioespacial**. Rio de Janeiro: Rio Book's, 2012.
- ARAÚJO, Aline; CAVALCANTI, Leonardo; OLIVEIRA, Larissa Lorrany Gonçalves de. Historiografia descritiva do marco normativo brasileiro em matéria migratória. Brasília, DF: OBMigra; Universidade de Brasília, 2025. Disponível em: <https://portaldeimigracao.mj.gov.br/pt/publicacoes-obmigra/401961-historiografia-descritiva-do-marco-normativo-brasileiro-em-materia-migratoria>. Acesso em: 10 mai. 2026.
- ATTANÉ, A; LANGEWIESCHE, K. Reflexões metodológicas sobre os usos da fotografia na antropologia. In: **Cadernos de Antropologia e Imagem**. Rio de Janeiro, 2005.
- AUGÉ, M. **Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade**. São Paulo: Papirus, 1994.
- BRASIL. Lei nº 13.445, de 24 de maio de 2017. Institui a Lei de Migração. Diário Oficial da União, Brasília, 25 maio 2017. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/113445.htm
- CAVALCANTI, L; OLIVEIRA, T.; SILVA, B. G. **Relatório Anual 2021 – 2011-2020: Uma década de desafios para a imigração e o refúgio no Brasil**. Série Migrações. Brasília, DF: OBMigra, 2021.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1998.
- DIAS, Gustavo; BOGUS, Lúcia; PEREIRA, José Carlos Alves. BAPTISTA, Dulce. **A contemporaneidade do pensamento de Abdelmalek Sayad**. São Paulo (Brasil): 2020. Educ Puc SP.
- EDWARDS, Elizabeth. Antropologia e Fotografia. In: **Cadernos de Antropologia e Imagem**. Rio de Janeiro, 1996. Disponível em: <http://ppcis.com.br/wp-content/uploads/2018/09/Cadernos-de-Antropologia-e-Imagem-2.-Antropologia-e-Fotografia.pdf>. Acesso em: 20 mai 2026.
- ERECHIM. Lei Nº 222, de 13 de janeiro de 2020. **Regulamenta o Comércio Ambulante no Município de Erechim** e Revoga a Lei nº 5.153, de 30 de dezembro de 2011 e suas alterações. Erechim (RS): Câmara Municipal de Vereadores, 2020.
- FAVARETTO, Ângela; VALENTINI, Daiane Regina; SAUGO, Andréia; REGO, Andrea Queiroz da Silva Fonseca. Sistema de espaços livres na cidade de Erechim, RS, Brasil e o planejamento da paisagem. In: **Terr@Plural**, Ponta Grossa, v.14, p. 1-23, e2013313, 2020.
- FERRARA, L. D. **Leitura sem Palavras**. São Paulo: Editora Ática, 1997.
- FUÃO, Fernando. Formas de acolhimento na arquitetura. In: FUÃO, Fernando; SOLIS, Dirce. **Derrida e a arquitetura**. Rio de Janeiro: Editora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2014. p. 41 - 113

GERBER, R. M. Pesquisa de campo não tem legenda: algumas reflexões a partir da minha experiência. In: GROISSMAN, A. et al. **Theatrum Ethnographicum: campo, experiência, agência**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2012. p.19-36.

HOLZER, Werther. SOBRE TERRITÓRIOS E LUGARIDADES. **Revista Cidades**, Brasil, v. 10, n. 17, 2021. DOI: 10.36661/2448-1092.2013v10n17.12015. Disponível em: <https://periodicos.uffs.edu.br/index.php/cidades/article/view/12015>. Acesso em: 18 out. 2025.

INGOLD, T. **The Perception of the Environment: Essays on liveliwood, dwelling and skill**. London: Routledge. 2000.

JACQUES, Paola. Experiência errática e narrativas urbanas. In: RHEINGANTZ, Paulo; PEDRO, Rosa. **Qualidade do lugar e cultura contemporânea**. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro/FAU/PROARQ, 2012. p. 107 a 118.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 2012.

MAMED, Leticia Helena. Haitianos no Brasil: A experiência da etnografia multisituada para investigação de itinerários migratórios e laborais Sul-Sul. In: BAENINGER, Rosana. Migrações Sul-Sul. In BAENINGER, Rosana; BÓGUS, Lúcia Machado; MOREIRA, Júlia Bertino et alii (orgs.). **Migrações Sul-Sul**. 2ª edição. Campinas, SP: Núcleo de Estudos de População “Elza Berquó” – Nepo/Unicamp, 2018.

MARTINS, Isis do Mar Marques. Agiotas da mobilidade e migração haitiana: um debate sobre agenciadores em processos migratórios no/ao Brasil e políticas estatais de fronteira. In: **TRAVESSIA - Revista do Migrante**, São Paulo, v. 33, n. 88 -p. 77-86, jan./jun. 2020.

DAMATTA, Roberto. **A casa & a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil**. 5. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

MAUSS, Marcel. Ensaio Sobre a Dádiva. In: MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. Paris: Presses Universitaire de France, 1950. p. 183 – 294.

OLIVEIRA, A. T. R. A transição na legislação migratória: o período 1980-2019. In: Cavalcanti, L; Oliveira, T.; Macedo, M., **Imigração e Refúgio no Brasil**. Relatório Anual 2020. Série Migrações. Observatório das Migrações Internacionais; Ministério da Justiça e Segurança Pública/ Conselho Nacional de Imigração e Coordenação Geral de Imigração Laboral. Brasília, DF: OBMigra, 2020. PECHMAN, Robert Moses. Porque és o avesso, do avesso, do avesso... paisagens travestidas da cidade. In: ANDRADE, Rubens de; TERRA, Carlos. (orgs). **Avesso da Paisagem: percepção artístico-urbana e imaginário socioespacial**. Rio de Janeiro: Rio Book's, 2012. p.255-265.

PEIXOTO, C. E.; MONTE-MÓR, P. Apresentação. In: **Cadernos de Antropologia e Imagem**. Rio de Janeiro, 1996. Disponível em: <http://ppcis.com.br/wp-content/uploads/2018/09/Cadernos-de-Antropologia-e-Imagem-2.-Antropologia-e-Fotografia.pdf>. Acesso em: 20 mai 2026.

POL, E. La apropiación del espacio. In: INIGUEZ, Lupicínio; POL, Enric. (Orgs). **Cognición, representación y apropiación del espacio**. Barcelona: Universitat Barcelona Publicacions, 1996.p.45-60.

SIMMEL, Georg. **Questões fundamentais da sociologia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

TEDESCO, João Carlos; GRZYBOVSKI, Denize. Dinâmica migratória dos senegaleses no norte do Rio Grande do Sul. In: **Rev. bras. estud. popul.** 30 (1) • Jun 2013, Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rbepop/a/MzP65cV7tKTpWLsbKdtQKLm/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 19 out 2025.

Zanin, Nauíra Zanardo; Pereira, Natália Biscaglia; Pires, Janice de Freitas. ANÁLISE DA PAISAGEM URBANA: os sistemas de espaços livres em Erechim, RS, Brasil. In: **Anais do VIII Seminário Internacional de Investigación en Urbanismo**, Barcelona-Balneário Camboriú, Junio 2016. Barcelona: DUOT, 2016.

Recebido em 30/10/2025

Aceito em 25/5/2026



Esta obra está licenciada
conforme Creative Commons
Atribuição 4.0 Internacional